

# Ouro de Vila Bela – “n”

Tadeu Silva

Não sei quantas vezes acessei textos diversos (livros, teses, dissertações, monografias, ensaios, artigos, crônicas, poemas, poesias, redações, matérias jornalísticas, notas, etc.) sobre o denominado “Ouro de Vila Bela”. Alfredo Taunay escreveu a famosa obra intitulada “A cidade do ouro e das ruínas”. Antes, ainda no século XVIII, foram coligidas as anotações que resultaram nos Anais de Vila Bela, primeira versão em 1754, de autoria de Francisco Caetano Borges. Barboza de Sá, Virgílio Correia, Joaquim da Costa Siqueira, Paulo Setúbal, Estevão de Mendonça, Paulo Pitaluga, Elizabeth Madureira, Carlos Rosa, Nauck Maria de Jesus, João Antônio Lucídio, entre muitos outros, formam uma plêiade dos que assinalaram a inescapável contribuição de Vila Bela para a história de Mato Grosso.

Os Anais de Vila Bela relatam o périplo mato-grossense desde 1734, quando a expedição comandada pelos Irmãos Artur e Fernando Paes de Barros resgatou, conforme narra o historiador Elízio Ferreira de Souza, roteiro do século XVII, seguindo orientação da Coroa Portuguesa restaurada, que incentivou os súditos à busca do ouro. Agregando este propósito à pioneira captura dos índios, os negros da terra, para a mão-de-obra essencial à economia de subsistência do povoado paulista, as bandeiras chegaram até as denominadas Minas de Mato Grosso, onde fundaram, em 1736, o Arraial Colonial de Mineração de São Francisco Xavier, em processo de tombamento pelo Iphan, enquanto patrimônio histórico nacional, parte do continuum cultural de Vila Bela.

A professora Marlene Gonçalves desenvolveu sua dissertação de mestrado no garimpo cultural em Vila Bela. Recolheu de lá seu objeto na forma do “Ouro Negro”; uma pepita chamada Dona Verena Leite de Brito, que hoje denomina, pela vontade da comunidade, a escola do lugar, um marco entre o isolamento e a fronteira capitalista. A antropóloga Maria de Lourdes



Bandeira publicou em 1988, pela editora Brasiliense, sua tese de doutoramento intitulada Território Negro em Espaço Branco, excepcional reflexão sobre a realidade local.

Inúmeras matérias jornalísticas vêm, como a publicada nesta Folha (Ouro põe Vila Bela em 2º no ranking, 23.02.08, p. 13), igualmente, contribuindo no processo de revelação histórica de Vila Bela. Já de algum tempo, iniciativas locais buscam resgatar o protagonismo que a inserção oficial seqüestrou. Primeira capital de Mato Grosso, região de mineração, 2ª exportadora do Estado, Vila Bela só agora começa a resolver problemas de infra-estrutura inadmissíveis e contrastantes com seu desempenho e contribuição histórica e econômica, a partir da crítica e da pressão política de sua população.

O ouro vilabelense é negro. Foi ele que construiu a cidade, suporte de sua história. É ele que garantiu a sobrevivência no isolamento. É ele que revelou a luta de Teresa de Benguela. É ele que enredou a Festança. É ele que dança o Chorado e o Congo. É ele quem primeiro explorou o Guaporé, fixando ali uma rota familiar e afetiva. É ele que anda nos caminhos da Diáspora. É ele que supre a falta do metal precioso, levado embora desde os tempos coloniais. É ele que deve exigir a devida reparação que resgate os valores imateriais e materiais devidos.

**Tadeu Silva - historiador**

*Os artigos assinados e veiculados não são de responsabilidade deste jornal.*